

# LETRAS DO SUL

N.º 7

SETEMBRO DE 1971

Cr\$ 4,00

## estudo e debate de assuntos da língua portuguesa

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL  
CONSELHO FEDERAL DE CULTURA

## índice

|  |   |    |
|--|---|----|
| CENTENÁRIO DE CASTRO ALVES   | Ramiro Frota Barcellos                  | 5  |
| JOGRAIS  | Prof. <sup>a</sup> Leni Leite Guardiano | 13 |
| DIAGNÓSTICO DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO DE<br>LITERATURA PORTUGUÊSA            | Naief Sáfy                              | 22 |
| A SIMULTANEIDADE   | Armindo Trevisan                        | 32 |
| EMBARCAÇÃO   | Carlos Nejar                            | 33 |
| OFÍCIO COTIDIANO   | Oscar Bertholdo                         | 35 |
| O N.º 3 DO NÚMERO DA PORTA DO NÚMERO DE SAÍDA                              | Hermenegildo Bastos                     | 36 |
| A CONSTANTE DE PLANCK  | Alfredo Jacques                         | 38 |
| DOIS CONTOS  | Paulo Fernandes                         | 45 |
| INTRODUÇÃO À CRÍTICA ESTILÍSTICA   | João Manuel Simões                      | 47 |
| GABRIEL GARCÍA MARQUEZ: UMA SOLIDÃO QUE DURA<br>CEM ANOS                   | Prof. Juan Mouriña Mosquera             | 58 |
| SINOPSE DAS PALESTRAS DO IV SEMINÁRIO NACIONAL<br>DE LITERATURA — CURITIBA |   | 67 |
| NATUREZA DA MENSAGEM LITERÁRIA   | Hélio de Freitas Puglielli              | 72 |

RUBEN A. E A PROSA CRIADORA EM PORTUGAL  
Nelly Novaes Coelho 80

RETORNO AO ROMANCE ETERNO: D. CASMURRO, DE  
MACHADO DE ASSIS  
João Décio 89

ATIVIDADES DO CENTRO DE ESTUDOS DE LÍNGUA  
PORTUGUESA  
109

DIAGNÓSTICO DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO DE  
LÍNGUA PORTUGUESA

21

A SINTAXIS

22

EMBARCAÇÃO

23

OS DIÁLOGOS

24

O REI E DO REINO DA PORTA DO NUNDO DE RAÍDA

25

A FENOMENOLOGIA DE RICHARD

26

DEUS E O MUNDO

27

INTRODUÇÃO À LINGUAGEM EXISTENCIAL

28

GAUDESÍAS E O MUNDO DA LINGUAGEM

29

DEUS E O MUNDO DA LINGUAGEM

30

DEUS E O MUNDO DA LINGUAGEM

31

DEUS E O MUNDO DA LINGUAGEM

32

33

34

35

36

## centenário de castro alves

RAMIRO FROTA BARCELLOS

PRESIDENTE DA ACADEMIA  
RIO-GRANDENSE DE LETRAS

Na sessão solene da Assembléia Legislativa comemorativa ao centenário da morte de Castro Alves, realizada a 6 de junho, o escritor Ramiro Frota Barcellos, convidado para falar em nome dos intelectuais gaúchos, proferiu o seguinte discurso:

Nesta tarde de evocativa reverência, de indefinível saudade, na magia que nos desperta a efeméride, transportemo-nos, regressivamente, ao distante ano de 1867...

Entramos no Teatro São João, de Salvador da Bahia. A casa está repleta sob as luzes dos candelabros de cristal. Estréia a renomada artista cômica e cançonetista portuguesa Eugênia Câmara, de rara beleza, cativante simpatia. Comemora-se, também, o 2 de julho, de patriótica lembrança.

Súbito frêmito de entusiasmo e curiosidade enche o recinto. Cabeças se voltam, músculos se retesam... Os espectadores apuram os ouvidos, mãos em concha sôbre as têmporas.

Castro Alves, o amante da atriz e afamado poeta, se acha presente. E acaba de levantar-se para pedir a palavra. Vai declamar a "Ode a Dois de Julho", alusiva à data.

*É hora das epopéias,*

*Das Iíadas reais.*

*Ruge o vento do passado*

*pelos mares sepulcrais.*

*É a hora em que a Eternidade  
Dialoga com a Imortalidade...  
Fala o herói com Jeová!...  
E Deus — nas celestes plagas  
— Colbe a glória nas bagas  
Dos mortos de Pirajá.*

O jovem acadêmico de Direito, assomado a um dos camarotes, passa as mãos finas e alvas pela fronte pálida e pela cabeleira negra. Calmo e triste, sorri para aquela gente que superlota o velho teatro, a recitar o poema que termina assim:

*Basta!... Curvai-vos ó povo!...  
Ei-los os vultos sem par.  
Só de joelhos podemos,  
N'est' hora angusta, fitar  
Riachuelo e Cabrito,  
Que sobem para o infinito  
Como jungidos leões,  
Puxando os carros dourados  
Dos meteoros largados  
Sobre as noites das nações.*

O épico bardo, na floração dos seus 18 anos de idade, é "belo como um Deus de Homero", olhos grandes e brilhantes, enfática dicção. Ao calar-se, é ovacionado delirantemente, com palmas e exclamações de agrado. Castro Alves, ainda de pé, soberbo de masculinidade, acena para os que o aplaudem.

Glorifica-se o cantor da raça. Paladino da nacionalidade no portal da História!

Antônio de Castro Alves constitui-se a revelação brasileira do século XIX. No talento poético, no conteúdo de ideal, ninguém se lhe compara. Gênio a serviço da liberdade e da justiça social. Lutador impertérito, condena com veemência os preconceitos, as discriminações, a execranda e vil escravatura.

A usar a rutilante espada do verbo, temperado na forja dos bancos acadêmicos de Recife, a cidade das revoluções, golpeia os grilhões do cativo negro e ajuda a restabelecer a condição humana dos nossos irmãos afro-brasileiros.

Castro Alves nasceu quando os Castros, os Mouros e os Medrados, se di-

a ouvir suas doces canções de ninar, de mistura com relatos fantásticos e aventurosos do lendário alferes João José Alves. Ambos, tio e ama de leite, exerceram forte influência na sua formação. Fascinava-se diante do tio valente, desordeiro, aguerrido, boêmio e forte como um touro! Enquanto a mucama descrevia quase a sussurrar a tragédia dos amôres de Pórcia, que se havia apaixonado por Leonino, homem casado, o fascínio do alferes, a descrever Júlia Feital, cujo corpo alvo e coração ardente, foram transfixados por uma bala de ouro, mandada fundir pelo apaixonado João Lisboa, como único metal digno de matá-la! Secéu, carinhoso apelido de Castro Alves, escutava, olhos desmesuradamente abertos, as juras de amor funesto, mas, mais arregalados ficavam seus olhos ao saber que Júlia Feital aparecia, agora, em sua casa. Na calada da noite, a morta por ciúme, deslizava "alva e linda, de seios rijos e alegre gargalhada" pela mesma sala onde caíra morta. Só que, em vez de trazer a bala de ouro cravada em pleno coração, carregava-a sôbre o colo nu e branco, como irônico, estranho adôrno.

Castro Alves recolhia-se em cismas, a implicar-se como um dos protagonistas daqueles dramas. Havia momentos se lhe afigurava o vulto diáfano e fugidio de Júlia Feital, deixando na sala o sortilégio da sua espectral beleza, depois evocava Pórcia, esguia e morena, alegrando o rancho escondido na mata, com seu canto igual ao dos pássaros selvagens, ou a tomar banho no rio próximo, desnudos os seios de bicos côr-de-rosa, e que, antes de entregar-se a Leonino, eram como:

*O seio virginal que a mão recata,  
Embalde o prende a mão... cresce, flutua.*

Mas, não era apenas Pórcia, vendo o filho, o inditoso, inocente filho de suas entranhas retalhado a golpes de facão pelos facínoras de seu próprio pai, nem só o fantasma de Júlia Feital, que o alucinavam. Leopoldina, negra imaginosa, descrevia com requinte sádico o drama das senzalas, num martirologio das noites longas, onde os gemidos se misturavam ao som dos atabaques. A surda, cava melopéia que Secéu ouvia nas suas noites insones, parecia vir de dentro da terra... Era o canto de sofrimento e coragem, de prisão e castigo, de morte e assombração... Secéu calado, recolhido em transido silêncio, sentia na própria pele os arrepios da angústia e da desventura. Em seu espírito infantil, mas precocemente conscientizado, plasmava-se o futuro tribuno, incansável defensor do povo. Na trágica beleza de Pórcia, sua tia inditosa, enlouquecida diante da selvageria dos capangas do pai, ele figurava seus ideais libertários e republicanos. Ao

*Eu fito o abismo que a meus pés fermenta  
E onde como santelmo da tormenta  
Fulgem revoluções! . . .*

Joaquim Nabuco, outro gênio das Américas, escreveu em *Minha Formação*:

"O traço todo da vida é para muitos um desenho da criança esquecido pelo homem, e ao qual êste terá sempre que se cingir sem o saber". Aquêlo pano de fundo da existência do sociólogo de Massangana, como de Castro Alves, teria sido a escravatura, apreciada em tôda sua horripilante realidade nos engenhos de cana-de-açúcar.

*Negras mulheres, suspendendo as têtas,  
Magras crianças, cujas bôcas pretas  
Rega o sangue das mães:  
Outras môças, mas nuas e espantadas,  
No turbilhão de espectros arrastadas,  
Em ânsia e mágoas vãs!*

*E ri-se a orquestra irônica e estridente . . .  
E da roda fantástica a serpente  
Faz doidas espirais  
Se velho, se no chão resvala.  
Ouvem-se gritos . . . e o chicote estala.  
E voam mais e mais . . .  
Prêsa nos elos de uma só cadeia,  
A multidão faminta cambaleia  
E chora e dança ali!  
Um de raiva delira, outro enlouquece,  
Outro, que de martírio embrutece,  
Cantando, geme e ri!*

Castro Alves, portanto, foi produto do meio e da época. Um poeta do seu tempo. Fenômeno de presciência, cultura enciclopédica e desassombro mental.

Pensador de ação social, encontrou na campanha abolicionista os mais altos objetivos de sua inspirada, hiperbólica poesia. Na causa dos escravos condensou sua principal preocupação. A defender o negro algemado e sofrido, defendeu

Estou a falar no recinto de uma casa do povo. No Recife, em São Paulo, em Salvador, ao tempo de Castro Alves, a casa do povo era a praça pública. E o poeta proclamava, no alto de sua tribuna:

"A praça é do povo. É o campo de batalha onde protesta e luta".

E contra as desigualdades, as injustiças, a opressão e a tirania, no seu desmedido entusiasmo apresentava solução ímpia e sacrílega:

*Quebre-se o cetro do Papa  
Faça-se dêle uma cruz,  
A púrpura sirva ao povo  
P'ra cobrir os ombros nus.*

A grandiloquência de seu estro, a sua exaltada consciência de nacionalidade, tornou-o poeta da raça, poeta do Brasil. Foi sempre o preferido, quase o único! Cem anos depois de sua morte, seu poder verbal, sua dimensão emocional, sua romântica figura física e, sobretudo, seu extraordinário poder de comunicação, consagra-o renovadamente o mais popular e querido poeta brasileiro de tôdas as épocas. Da nossa época, desta vossa casa, que é a casa do povo rio-grandense!

"Cada geração tem o direito de pensar os pensamentos do seu tempo", disse um sociólogo brasileiro. E todos os tempos são de Castro Alves, porque sua temática se renovará a cada ano, a cada nova centúria. Os problemas são sempre os mesmos. Problemas bíblicos que se repetem na sociedade, como os sete pecados mortais se repetem no homem.

Só o estilo de liberdade muda. Hoje bradamos para o íntimo de nós mesmos, na falta de quem nos ouça em praça pública, por outras liberdades. E se pudéssemos usar a lira do grande rapsodo baiano, gritaríamos pela liberdade de ter as mesmas oportunidades; pela liberdade de poder acabar com o paternalismo, que desfibra, pela liberdade de poder acabar com o excesso de liberdade dos iconoclastas que procuram destruir nossos ídolos e símbolos de tradição! Liberdade de poder dar liberdade às nossas filhas, no risco que os novos costumes e recreações oferecem em depravação e imoralidade! Liberdade de não ter medo em qualquer parte da terra, pois, tantos são os facinorosos em liberdade, senhores deputados, que a nossa se condiciona aos singulares caprichos da sorte! Liberdade de pôr fim a inconfessáveis interesses individuais, que tantos prejuízos trazem à nossa estrutura econômica e política! Liberdade de trabalho rural e autônomo,

plantando o que quisermos, quando quisermos e vendendo os produtos das nossas lavouras pelo preço que quisermos! Liberdade de terminar com a economia dirigida e de poder voltar à sadia lei da oferta e da procura! Liberdade de ajudar a defender a soberania do nosso País, grande, livre e independente! Liberdade de poder assegurar nossas duzentas milhas de mar territorial, e de explorar nossas riquezas piscosas e minerais. Enfim, senhores deputados, liberdade de impor nossa condição de criaturas humanas, exigindo respeito a nós mesmos, como desejamos devotar aos demais!

Antônio de Castro Alves teria sido um revolucionário, um subversivo por temperamento? Não! Teve apenas a influência de Victor Hugo e de outros bruxos rebelados da época. Sua vasta erudição o pôs em contato com tôdas as grandezas do século, com tôdas as idéias que enchiam o mundo de promessas. Seu espírito, ávido de conhecimento, acompanhava as lideranças européias, americanas e nacionais, cujos remígios riscavam os céus de esperanças libertárias.

Contraditórias as opiniões da crítica a êsse respeito. Alguns estudiosos castroalvinos, como Fernando Góes e Jorge Amado, consideram-no poeta revolucionário e socialista, com influências de Marx, o fundador do comunismo histórico.

Há versos do grande vate que levam à formulação desses juízos:

*Vêde: as crianças loiras aprendem no evangelho  
As letras que comenta algum sublime velho,  
Em tôda frente há luz, em todo campo flôres...  
E, enquanto sob as vinhas a ingênua camponesa  
Enlaça as negras tranças a rosa da devesa;  
Dos saaras africanos, dos gelos da Sibéria,  
Do Cáucaso, dos campos dessa infeliz Ibéria,  
Dos mármoreos lascados da terra santa homérica,  
Dos pampas, das savanas desta soberba América,  
Prorrompe o hino livre, o hino do trabalho!  
E, ao canto dos obreiros, na orquestra audaz do malho,  
O ruído se mistura da imprensa, das idéias,  
Todos da liberdade, forjando as epopéias,  
Todos com as mãos calosas, todos banhando a frente  
Ao sol da independência que irrompe no horizonte.*

E, ainda, parafraseando Victor Hugo, corrobora essa impressão de esquerdismo revolucionário:

*... E revoltava o pobre  
Sempre, sempre a dizer que todos que o céu cobre  
São irmãos, são iguais...*

Entretanto, a maioria dos castroalvinos julgam-no poeta genial, sob influências do tempo, dos acontecimentos europeus e brasileiros coincidentemente paralelos na significação e na cronologia. No ano em que nasceu, assinalavam-se — “condições para incorporação de comércio e navegação no Rio Mucuri”. Um ano depois, na França, é declarado o sufrágio universal e a abolição da escravatura e esboçam-se as primeiras lutas classistas. Aqui no Brasil, no mesmo ano — 1848 — estoura a chamada “revolta praieira”, cujos motivos são, também, mais de ordem social que política. Nasceu, pois, Castro Alves, sob o signo das reivindicações sociais. Ainda no mesmo ano, divulga-se no mundo o Manifesto Comunista Russo e, no Brasil, Abreu Lima edita seu livro de cunho socialista.

O “Gigante de Curralinho” foi um homem da terra e do povo. Alma de sertanejo nordestino, carregava no coração o telurismo estorricado das caatingas e trazia na sentimentalidade, riscada pelos espinhos das lutas e perseguições familiares, a inconsciente inspiração de seu extraordinário estro. Grande parte de sua poesia foi de protesto, salientando-se o estilo condoreiro. Mas, protesto elevado, tribúncio e aberto, por puro amor fraternal.

Embora alguns de seus versos transmitam dimensionabilidade inconformista:

*O povo é como o sol! Da terra escura  
Rompe um dia co'a destra iluminada,  
Como o Lázaro, estala a sepultura!...*

Não deixou, por outro lado, de cultivar suave lirismo em estrofes de amor e de paixão:

*Era um quadro celeste!... A cada afago  
Mesmo em sonhos a môça estremecia...  
Quando ela serenava... a flor beijava-a...  
Quando ela ia beijar-lhe... a flor fugia...*

Em “Vozes d'África” e em “O Navio Negro”, êle deixa de ser o épico para reduzir-se ao dramático, ao lírico.

A semente de Castro Alves lançada à terra generosa do Brasil, germina e frutifica a cada primavera! Semeador de estesia e beleza, viveu apostolado de ternura. Sua obra foi, como sua vida, um sópro de entusiasmo a reavivar o fogo de todos os ideais. Vida curta, vida breve, mas vigorosamente devotada à

causa do povo e da pátria. Campeador impoluto a defender os humildes, os desprotegidos, os acutelados por tôdas as tiranias!

Nenhum outro poeta conseguiu comover tanto a alma nacional. Castro Alves foi, messiânicamente, um predestinado. Foi e continua sendo o poeta amado das mulheres e preferido dos homens porque teve dimensão para tôdas as gerações. Sedutor, presciente, de larga visão sociológica, de invejável talento e vastíssima erudição, cujo verbo, macio e blandicioso para os versos de amor, foi áspero e contundente quando procurava destruir injustiças e condenar opressões...

Castro Alves, como as tempestades que lavam a terra de detritos e impurezas, é um fenômeno que se repete e que estamos a lembrar nesta data, cem anos depois de sua morte.

E, para finalizar, lembrarei que, certa vez, dedo em riste para os futuros legisladores de sua terra, declamou, a ebulir de furor divino:

*Não calqueis o povo-rei!  
Que êste mar de almas e peitos,  
Com as vagas de seus direitos,  
Virá partir-vos a lei!*